

## Logos, physis e dialética em Heráclito de Éfeso

Christian Iber

PUC-RS

Brasil

**Resumo:** No presente artigo, a minha intenção é a de averiguar os pensamentos básicos de Heráclito. Para chegar ao conhecimento dos pensamentos principais de Heráclito procedo em oito passos: em primeiro lugar, darei ao leitor algumas informações sobre o Escrito de Heráclito, em segundo lugar, lançarei um olhar sobre a sua doutrina do rio; num terceiro momento esclarecerei o seu conceito de *logos*. Em um quarto ponto esboçarei o conceito de *physis*, o qual, em quinto lugar, explicarei através da sua doutrina da unidade das oposições. Em um sexto passo iluminarei a relação entre *logos* e *physis*, a partir da qual se torna evidente o específico da forma do pensar de Heráclito que, em um sétimo passo, caracterizarei conclusivamente. No oitavo item resumirei as minhas teses sobre os pensamentos básicos de Heráclito.

**Palavras-chaves:** logos, physis, unidade das oposições, dialética.

**Abstract:** In what follows my intention is to trace the fundamental ideas of Heraclitus. To this end, I proceed in eight steps: First I provide some information on Heraclitus' work, second I take a look at Heraclitus' doctrine of flux, third I comment on the conception of *logos*. In the fourth step I outline the conception of *physis*, on the basis of which, in the fifth step, I explore the teachings about the unity of the opposites. In the sixth step I examine the relationship between *logos* and *physis*, which I characterize finally in the seventh step. In the eighth step I summarize my understanding of Heraclitus' fundamental ideas.

**Key words:** logos, physis, unity of the opposites, dialectic

**Zusammenfassung:** Es geht mir im Folgenden um die Ermittlung der Grundgedanken Heraklits. Um Heraklits Grundgedanken auf die Spur zu kommen, gehe ich in acht Schritten vor: zunächst gebe ich dem Leser einige Informationen zu Heraklits Schrift, zweitens werfe ich einen Blick auf seine Flusslehre, drittens erläutere ich seinen Begriff des *Logos*. In einem vierten

Schritt skizziere ich den Begriff der *Physis*, den ich fünftens anhand seiner Lehre von der Einheit der Gegensätze expliziere. In einem sechsten Schritt beleuchte ich das Verhältnis von *Logos* und *Physis*, aus dem das Spezifische der Denkform Heraklits ersichtlich wird, die in einem siebten Schritt abschließend charakterisiere. In einem achten Schritt fasse ich meine Thesen zu Heraklits Grundgedanken zusammen.

**Schlüsselbegriffe:** Logos, Physis, Einheit der Gegensätze, Dialektik

Na minha contribuição irei me preocupar com Heráclito, que viveu há mais de 2500 anos (540-480 [a.C]), e porque ele é uma das origens do pensar dialético. Por este motivo, a seguir, eu gostaria de me preocupar em averiguar os pensamentos básicos de Heráclito. A fim de permanecer no traço dos pensamentos básicos de Heráclito, eu procederei em oito etapas: primeiramente, darei algumas informações sobre o escrito de Heráclito; em segundo lugar, lançarei um olhar sobre a sua doutrina do fluxo; num terceiro momento, eu esclarecerei o seu conceito de *logos*. Em um quarto momento, esboçarei o conceito de *physis*, que, no momento seguinte, explicarei através da sua doutrina da unidade das oposições. Em um sexto momento, eu iluminarei a relação entre *logos* e *physis*, em que fica evidente a forma específica do pensar de Heráclito, que será caracterizada, conclusivamente, em um sétimo momento. E, no momento final, resumirei minhas teses acerca dos pensamentos básicos de Heráclito.

73

*Logos, physis e  
dialética em  
Heráclito de  
Éfeso*

Christian Iber

## I

De acordo com o antigo historiador de filosofia Diógenes Laércio, já na velhice adiantada Heráclito concebeu um livro, o qual ele não entregou ao público, mas depositou no templo da deusa casta e, rigorosamente intencionada, Artemis (Diógenes Laércio IX 6; DK 22 A 1).<sup>1</sup> Que o livro de Heráclito portou o título *Sobre a natureza* é

<sup>1</sup> Os fragmentos de Heráclito são citados conforme a tradução da coletânea de textos *Die Fragmente der Vorsokratiker* [Os fragmentos dos pré-socráticos]. Hermann Diels, Walter Kranz (Orgs.). 17ª edição. Zürich: Weidmann, 1973, Vol. 1 (= DK). Anaximandro tem o número do capítulo 12, Heráclito o número do capítulo 22 e Parmênides o número do capítulo 28. “A” substitui a coletânea dos testemunhos, “B” a coletânea dos fragmentos autênticos.

pouco provável, já que esse título foi atribuído por Aristóteles e pelos Peripatéticos a todos os filósofos da natureza, e não deve ser considerado como autêntico.

Também a estruturação do livro em três trechos, a saber, cosmologia, política e teologia é improvável; ela se reporta à estruturação da filosofia na Stoa, na qual Heráclito veio novamente às novas honras. Mas, tampouco, nós devemos interpretar o livro de Heráclito tão somente como uma coleção aforística de rasgos de pensamentos (*gnomai*), como Herrmann Diels o fez.

Visto que primeiramente o livro de Heráclito aponta para uma conexão de argumentação sistemática, a qual tem sua saída num pensamento fundamental, e, em segundo lugar, parece ter sido um escrito didático típico dos pré-socráticos com uma sistemática inteiramente determinada, como nós encontramos, então, também em Parmênides e Empédocles.

À apresentação dos princípios gerais na doutrina do *logos* e da *physis* e ao esclarecimento da estrutura básica do cosmo na doutrina do fogo seguem aspectos filosóficos e reais da filosofia da natureza, da antropologia e da doutrina da alma, bem como da ética e da política e, além disso, as doutrinas sobre a religião e o culto. Disto, entretanto, permanece a certeza de Heráclito que o livro era somente para os apropriados (*xýnetoi*). E de fato causou a impressão enigmática entre os quais poderiam lê-lo inteiramente. Sócrates deve ter dito, “precisaria de um mergulhador de Deli” (DK 22 A 1), a fim de buscar as pérolas de pensamentos da profundidade na superfície. Na antiguidade, a incompreensão do seu escrito lhe garantiu a reputação do “obscuro” (*skoteinos*) ou “aquele que fala por enigmas” (*ainiktés*) (DK 22 A 1).

## II

A história do impacto de Heráclito está determinada essencialmente pela crítica de Aristóteles e Platão à doutrina de Heráclito, a saber, de que “tudo seja fluxo” (*panta chorbeí*).<sup>2</sup> Se tudo é fluxo, como num rio, então não poderia existir nenhum conhecimento da verdade. Visto que tudo está em movimento, então, com a identidade

<sup>2</sup> “Heráclito diz que tudo foge (*panta chorbeí*) e nada permanece (*ouden menei*), e na medida em que ele compara tudo com um rio torrencial, ele diz que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio” (Platão. *Crátilo* 402a2; DK 22 A 6; cf. os fragmentos DK 22 B 12 e B 91).

do percebido, se dissolve a identidade da própria percepção. Para o próprio Heráclito, contudo, nenhuma fala pode ser uma redução absoluta da mudança. Seu grande feito filosófico, antes pelo contrário, é ter destrinchado o permanente na mudança.

Embora Aristóteles, na sua *Física*, simpatizasse mais com o pensar do movimento dos filósofos da natureza do que Platão, ele aceita a interpretação do fluxo de Platão.<sup>3</sup> A crítica de Aristóteles a Heráclito se refere essencialmente à afirmação de que os opostos são os mesmos, portanto à inobservância do princípio da não contradição, a qual, na doutrina do fluxo, conduz à dissolução da identidade dos objetos. Após o estabelecimento da lógica formal por Parmênides foi difícil compreender a dialética de Heráclito.

O pensamento básico de Heráclito pode ser explicitado diretamente dos seus fragmentos sobre o rio: ao contrário da interpretação de Platão, segundo a qual em momentos consecutivos o rio nunca é o mesmo (*ouden menei*: “nada fica parado”), de acordo com o fragmento DK 22 B 12 de Heráclito, o único e o mesmo rio implica sempre o fluir de outras águas. Quer dizer, o rio permanece, todavia, o mesmo, embora fluam “sempre outras águas”. Sim, o mesmo rio se constitui pelo fluir permanente de sempre outras águas. A especificidade do rio depende, portanto, de que fluam outras águas com regularidade e que umas sejam substituídas pelas outras. Desta maneira o rio é uma imagem para o pensamento básico de Heráclito, do permanente em todo movimento e toda mudança.

### III

Uma introdução muito semelhante e provavelmente ao início do escrito de Heráclito ficou o famoso fragmento DK 22 B 1. Lá diz-se:

B 1 “Embora esse *logos* sempre (*aei*) seja (existia), os homens se mostram para ele, a todo o tempo, como insensato (*axýnetoi*), tanto antes que eles o ouviram, como logo que eles o ouviram. Visto que embora tudo aconteça conforme esse *logos*, assim eles igualam, todavia, inexperientes, sempre que

<sup>3</sup> “Não se movem algumas coisas e outras não, mas todas se movem sempre, mas isso permanece escondido” (Aristóteles. *Física*, VIII, 3, 253b9).

eles se experimentam naquelas declarações e obras, como eu as discuto, na medida em que eu desfaço cada coisa conforme sua *physis* (natureza, essência) e explico como se comporta. Mas, para os outros homens permanece escondido o que eles fazem acordados, bem como eles esquecem aquilo que o fazem no sono”.

Heráclito pode ser denominado o primeiro filósofo da razão da história da filosofia, enquanto ele, não somente como os primeiros jônicos, como Tales, Anaximandro e Anaxímenes, põe a questão da razão determinada para a *arkhé* (princípio, causa), quer dizer, para a origem e a proveniência das coisas, mas declara a própria razão como *arkhé*, na medida em que ele substitui o conceito de *arkhé* pelo conceito de *logos*.

O conceito de *logos* de Heráclito é controverso. Isso porque ele é ambíguo. Por um lado, ele pode dar a entender a doutrina de Heráclito e, por outro, do que essa doutrina trata. Mas se tudo acontece conforme o *logos*, então, com isso, está entendido o princípio objetivo da realidade. Contra a posição generalizada de que o conceito de *logos* não significa o princípio objetivo da razão, somente o discurso de Heráclito deixa argumentar duas coisas distintas: em primeiro lugar, sem dúvida, Heráclito denominou o princípio objetivo da razão da realidade com uma palavra, a qual exprime sua atividade mental, precisamente como pensamento, “*gnomé*”, cujo significado vai além do conhecimento mental, mas, também, tanto como regra, diretiva ou plano, conforme o qual tudo acontece. No seu conhecimento consiste, conforme o fragmento DK 22 B 41, a sabedoria universalista. Em segundo lugar, Heráclito distingue o *logos* da sua própria individualidade, não para ele, mas o *logos* se revela de acordo com o fragmento DK 22 B 50, o *to sophon*, o pivô da sabedoria, no *hen panta einai*, que tudo seja um, a saber, que tudo o que é encontrado na experiência seja na verdade um, uma unidade.

Mesmo que o *logos* devesse ser distinguido terminologicamente do *gnomé* e que não denominasse uma razão objetiva, seria óbvio que o *logos* é mais do que um fenômeno puramente subjetivo. – Originariamente o *logos* vem de *legein*: coleccionar, contar, enumerar, representar. Em seguida, o *logos* tem o significado de medida, regra e relação. Como aspecto fundamental do *logos* em Pitágoras foi visível o número e a relação, os quais, necessariamente, estão se referindo à palavra. O *logos* significa também

em Heráclito primariamente uma estrutura relacional das relações e das referências no mundo, a qual deve ser expressa linguisticamente em palavras.

Heráclito acentua que o *logos* é o conjunto supra-individual. Em Heráclito, o conceito de conjunto desempenha um grande papel. Mas, antes de tudo, na relação entre o *logos* e o pensar. Num jogo de palavras, o qual o *xyño noo* (com espírito advertido) reúne com *xyño* (o conjunto, o coesivo) numa configuração de palavras homônimas, uma assim chamada *paronomasia*, no fragmento DK 22 B 114 Heráclito exprime que o *nous* (palavra que pode ser traduzida como “inteligência” ou “espírito”), na medida em que ele atenta ao comum das coisas, é o próprio conjunto das coisas, parecido à lei, sim ainda mais do que a lei de uma *polis* (uma cidade), porque ele é, sim, o conjunto de todas as coisas.

Heráclito lamenta repetidamente que os homens, na maioria das vezes, não sejam “*xyñetoi*”, não são apropriados para o *logos*, mas, ao contrário, “*áxyñetoi*”, parados e insensatos. A abertura da obra é teimosa, já que representa uma antecipação do próprio fracasso da comunicação da sua doutrina. É a primeira audiência pública filosófica. Heráclito diz, explicitamente, que os homens não conceituam o *logos*, mesmo depois que eles o tivessem ouvido. Eles não compreenderiam o que eles fazem no despertar, assim como eles esqueceriam o que eles fazem no sono. Consequentemente, Heráclito considerou sua doutrina como absolutamente original e desaprovou seus predecessores e concorrentes no desenvolvimento do mundo. E ele considerou, como seu destino, que o mundo é surdo para seus conhecimentos.

Em nosso fragmento DK 22 B 1 é importante que, para Heráclito, a discussão da *physis* das coisas é o método, a fim de incluir o *logos*, passando por todas as coisas. O *logos*, conforme tudo acontece, é conceituado na medida em que cada coisa é analisada conforme sua *physis*. Sob a *physis* não deve ser compreendido a natureza em contraste com o *nomos* (o feito pelos homens), mas sim com a estrutura da essência crescida das coisas, que cada vez mais aponte para uma essência escondida ou uma origem da qual ela deriva. O significado básico da raiz *phy-* é: “deixar crescer”, “vicejar”, “crescer”. *Physis*, que se traduz melhor como auto-desenvolvimento, não é nenhuma constituição da coisa simplesmente surgida, mas a estrutura da essência crescendo do fundo escondido da essência. Através de sua etimologia o conceito de *physis* ligado ao significado genético avança ao termo para a essência.

A *physis* implica, portanto, na diferença entre a essência e a aparência. E cada conhecimento indo além da sensação imediata seria supérfluo se não houvesse essa diferença na coisa. Com certeza Heidegger e Nietzsche têm razão, quando eles desconhecem que Heráclito seja um metafísico dualista no sentido de Platão. Contudo, Heráclito é o descobridor da diferença metafísica entre a essência e a aparência, e, precisamente, dentro da *physis* [natureza]. Quem quer se aprofundar na *physis* tem que, metaforicamente expressado, sair da superfície da aparência, mergulhar na profundidade, na qual somente se deixa encontrar o fundamento da essência e do surgimento das coisas.

Quem, portanto, presta atenção à *physis*, é reconduzido da aparência imediata e aparente da essência oculta da coisa. “*Physis* gosta de ocultar-se [*physis kryptesthai philei*]”, diz o fragmento DK 22 B 123. De acordo com esse fragmento, depois de ter se tornado famoso pela interpretação de Heidegger, a *physis* está escondida sob sua aparência imediata. Pois a *physis*, contudo, não fica plenamente aberta nem está inteiramente ocultada, ela é acessível ao pensar, que chega ao conhecimento do *logos* das coisas.

Aqui nós temos que fazer uma nota para a interpretação de Heráclito por Heidegger. Na medida em que para Heidegger “a *physis* gosta de ocultar-se” traduz-se um pouco teimosamente com a frase “O levantar-se (do ocultar-se) a mercê faz doação ao ocultar-se”<sup>4</sup>, ele o interpreta com referência ao seu pensamento básico do ser se ocultando e se revelando na ocultação, o qual ele compreende como fundamento não-racional da racionalidade do *logos*, que na tradição metafísica, então, cai em esquecimento.

Heidegger, assim, pode apresentar que o conceito de *physis* de Heráclito não é idêntico ao conceito de *logos*. Em Heráclito, a racionalidade do *logos* tem um fundamento na natureza não-racional. Também, se a tentativa de Heidegger de pensar os gregos no molde grego não o aproxima das origens da filosofia na sua autenticidade, mas antes de forma estrangeira, deve ser retido fundamentalmente a intenção produtiva de Heidegger, a qual, no início do pensar, vai à procura do outro na racionalidade como fundamento não-racional. Na posição da *physis* de Heráclito se manifesta, para Heidegger, ainda o

<sup>4</sup> Esta é a tradução de Heidegger do fragmento DK 22 B 123 na sua palestra “Aletheia”. In: Martin Heidegger. *Aletheia (Heraklit, Fragment 16)*. In: idem. *Vorträge und Aufsätze*. 4ª edição. Pfullingen: Neske, 1978, p. 263.

emergir originário das coisas, o qual, no prosseguimento da metafísica, é encoberto crescentemente pela fixação objetiva do ser.

#### IV

Mas o que é, então, para Heráclito, a *physis*, esse fundamento da essência e da geração das coisas escondido sob a superfície da aparência? Para Heráclito, isso é a unidade das oposições. Sem dúvida, em Heráclito a palavra “dialética” não surge, porém ele pode justificadamente ser considerado como descobridor da “coisa” da dialética. Hegel, em todo o caso, viu em Heráclito seu grande antecessor.<sup>5</sup> Quais são as características específicas da dialética de Heráclito?

O pensamento básico dialético de Heráclito da unidade das oposições perpassa uma plenitude dos estados de coisas, plásticos, temáticos, nos fragmentos construídos artisticamente. Ostensivamente, deixam-se distinguir três espécies principais de ligação das oposições:

1. As oposições que competem ao único e mesmo objeto e são, ao mesmo tempo, engendradas por ele: o caminho para cima e para baixo é o único e o mesmo (DK 22 B 60); água do mar é potável e reconfortante para os peixes e impotável e letal para os homens (DK 22 B 61); o caminho da hélice, reto e sinuoso, é o único e o mesmo (DK 22 B 59).

2. As oposições são as mesmas, porque uma coisa traz consigo a oposta, ou seja, se seguem e, caso assim não seja, nada segue. Assim, as coisas positivas como saúde e tranquilidade se tornam somente possíveis em consequência do seu contrário, a enfermidade e a moléstia (DK 22 B 111). E sem o falso não há o correto (DK 22 B 23)

3. As oposições são momentos de um processo temporal ou de um processo qualitativo da transmutação. Assim, o vivo e o morto, o desperto e o adormecido, o novo e o velho são os mesmos, porque no processo temporal eles

<sup>5</sup> Nas suas *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie I* [Preleções sobre a História da Filosofia I] Hegel exclama: “Aqui vemos terra; não existe frase de Heráclito que eu não tenha integrado em minha *Lógica*” (Werke Vol. 18, 319).



chegam a um ponto em que eles transmutam qualitativamente um no outro (DK 22 B 88). O mesmo vale para o frio e o calor, o molhado e o seco (DK 22 B 126).

Em todos esses exemplos não se faz valer nenhuma unidade mais alta de oposições pressupostas. Antes pelo contrário, as oposições se mostram aqui como únicas, bem como também as mesmas no seu devir e pelo devir. Aqui não estão face a face às oposições conceitualmente fixadas como o ser e o não-ser em Parmênides, mas oposições na sua unidade originária. E Heráclito acentua como as oposições *se tornam* o um ou o outro pela sua unidade e então também *são*.

Uma explicação conceitual e uma fixação das oposições pelo entendimento nós encontramos apenas em Parmênides, o qual também somente fala de “*ta enantia*”, dos que estão frente uns aos outros, e acentua que oposições reais não podem, de forma nenhuma, ser ajuntadas (cf. DK 28 B 8, 55). Em Parmênides, esse descobrimento conduz à fundamentação da lógica formal e à exclusão da contradição do pensar da verdade. O pensar nas oposições é comprovado por Parmênides como um erro, que conduz necessariamente ao mundo ilusório da aparência (cf. DK 28 B 6, 4-9).

O pensamento básico de Heráclito não é, portanto, a coincidência de oposições pressupostas e fixadas como tais pelo entendimento, mas a unidade originária das oposições encontradas na experiência concreta. Assim, primeiramente, nós podemos constatar que a dialética de Heráclito pertence ao pensar pré-entendedor. Diferente da dialética subjetiva do entendimento em Zenão, estabelecida no solo da lógica formal fundamentada de Parmênides, em Heráclito se trata de uma dialética objetiva da *physis*, a qual é trazida ao conceito pelo *logos*.

## V

Heráclito tenta explicar ainda mais exatamente seu pensamento básico da unidade das oposições. Para Heráclito, mas também para a compreensão jônica do ser de uma maneira geral, é específico que as coisas opostas primeiramente não são e, então, entram em trânsito e em relação uma com a outra. A compreensão do ser típica de Heráclito manifesta-se no fragmento DK 22 B 80:

B 80 "Tem que saber que a guerra (*pólemos*) é algo conjunto (*xynon*) e o direito devidamente (*dike*) [é] a discórdia (*eris*) e que todas as coisas estão se transformando por causa da discórdia e assim são afetadas (*chreómena*)".

Todas as coisas opostas se tornam o que elas são por causa, ou no modo da discórdia, e, portanto, é um direito que lhes compete. Pela discórdia as coisas são *chreómena*, quer dizer, afetadas. A discórdia é, portanto, um direito para cada coisa, já que cada coisa tem um direito de *tornar-se* o que é.

Com esse pensamento, Heráclito adere a Anaximandro e vai, ao mesmo tempo, além dele. Anaximandro constata no único fragmento que lhe foi conservado (DK 12 B 1) que as coisas opostas, as quais brotam do *apeíron*, do indefinito, a figura mais antiga do absoluto, no seu surgir e perecer, praticam o direito e a retribuição à iniquidade lhes feita e, portanto, desandam novamente no *apeíron*.<sup>6</sup>

Em contraste com Anaximandro, para Heráclito não há nenhuma fonte originária, da qual as coisas opostas do mundo derivam. E, conseqüentemente, da fórmula da unidade do universo *hen panta einai* (DK 22 B 52), tudo seja um, que o um não é descolado da totalidade das coisas, mas o princípio imanente do universo das coisas, o qual deve ser deduzido da perspectiva das coisas opostas.

Heráclito reconhece, primeiramente, que o direito a tornar-se, e a ser, reside na discórdia das coisas opostas. E se tem que saber para Heráclito que a guerra (*pólemos*), a discórdia (*eris*) implementada (não só a guerra armada) é algo conjunto (*xynon*).

Nós já vimos que em Heráclito o pensar do *logos* é o conjunto de tudo, porque dá atenção aquilo que é coeso em todas as coisas. Agora se mostra: a discórdia é implementada (*pólemos*), conceituada pelo *logos*, que é o conjunto. Especialmente, fica claro o papel da guerra no fragmento DK 22 B 53, que é provavelmente o mais famoso de Heráclito:

---

<sup>6</sup> A sentença do Anaximandro reza: "Início e origem das coisas existentes é o *apeíron* (o indeterminado). Mas de onde o devir é das coisas existentes, no qual acontece dentro também seu perecer conforme o devido, já que eles pagam uns aos outros com punição justa e penitência para a injustiça conforme a ordenação do tempo" (Simplicio em *Phys.*, 24, 13; DK 12 B 1).

DK 22 B 53 "A guerra (*pólemos*) é o pai (*pater*) de tudo e, também, o rei de tudo e ele trata uns como deuses, outros como homens, ele faz surgir uns como escravos, outros como livres".

Em Heráclito, a guerra como pai e rei de todas as coisas assume a posição da *arkhé*. Com isso fica claro: as coisas não são algo oposto e então são soltas uma em cima da outra numa discórdia, mas a discórdia, antes de tudo, constitui as coisas na sua contrariedade. Como para o deus-criador do Velho Testamento, assim vale para Heráclito que sem oposições o mundo não pode existir.<sup>7</sup> Visto que a discórdia das coisas é necessária para o devir e o ser das coisas, Heráclito chega ao resultado de que o direito é a discórdia, ou seja, as coisas tem um direito de discórdia.

## VI

Mas tudo isso nos levou ainda um passo adiante: a unidade originária das oposições é, na verdade, o separar-se e o unir-se das oposições na discórdia (*pólemos*). E essa forma do guardar junto das oposições, se separando na discórdia, garante, antes de tudo, a unidade específica, da qual Heráclito trata desde o princípio, e a qual ele, no fragmento DK 22 B 51, traz ao conceito da *palíntropos harmonie*, a harmonia, ou seja, a conexão revirada em si, ou seja, conforme outra variante traduzida: *palíntonos harmonie*, a harmonia tensa, e para trás, como em arco e lira.<sup>8</sup>

O que Heráclito compreende sob a unidade tensa em si, se deixa iluminar em contraste com a antiga crítica de Platão a Heráclito no *Symposium* [Banquete]. Aqui Platão critica que Heráclito não tem razão com sua afirmação de que 'o um divide em si e se une consigo mesmo como a afinção de uma lira ou de um arco'. Pois essa afirmação implica que a harmonia dividida em si consista dos divididos. Sem dúvida, a harmonia pode se originar das oposições, mas ela mesma é a concordância, porém esta é a

<sup>7</sup> No *antigo testamento* se encontra um pensamento parecido: "Enquanto a terra persiste, não deve cessar o cultivo e a colheita, geada e calor, verão e inverno, dia e noite" (BÍBLIA. 1. Moisés 8, capítulo 22).

<sup>8</sup> "Eles não compreendem como o separado (*diapherómenon*) se une consigo (*homologéi/sympbéretai*); harmonia/conexão revirada em si/tensa para trás (*paléntonos/políntropos harmonie*) como arco e lira." (DK 22 B 51, Iber). Cf. KIRK, Geoffrey Stephan; RAVEN, John E.; SCHOFIELD, Malcolm. *Die vorsokratischen Philosophen. Einführung, Texte, Kommentare*. Stuttgart: Metzler, 1994, p. 210, obs 11.

harmonia. Mas a harmonia não pode existir entre divididos enquanto divididos (187a/b).<sup>9</sup>

Aqui fica claro que Platão antepõe a unidade à oposição. O específico da forma do pensar de Heráclito, a unidade da oposição, ao contrário, alveja à unidade *na* oposição. E essa forma do pensar se torna somente possível, porque Heráclito, diferente de Parmênides e Platão, não parte das oposições fixadas pelo entendimento. As oposições, as quais Heráclito apanha da experiência, são numa unidade originária fundamentada; e sua convergência, se separando na discórdia, gera a forma específica da sua unidade, na qual a tensão entre os polos opostos não somente está dissolvida, mas também permanece preservada.

Em Heráclito, o ponto específico é, então – e isso lança uma luz esclarecedora sobre o seu conceito de *physis* –, que os homens retêm somente aquelas coisas que lhes parecem visíveis, as oposições destacadas das coisas, mas *o xynon* [o conjunto] da sua unidade, que constitui sua própria *physis*, permanece discreto ou oculto.

“Harmonia, ou seja, conexão invisível é mais forte do que o visível” diz o fragmento DK 22 B 54. Isso é a base para que o conhecimento do *logos* escape aos demais homens. Só aquele que dá atenção à *physis* das coisas, quer dizer, no ser nascido das suas oposições do fundamento da essência da sua discórdia, reconhece sua unidade como unidade fundamental de todas as coisas, a unidade do universo da realidade. No fragmento DK 22 B 67 diz-se:

B 67 “Deus é dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saturação-fome. Mas ele se transforma, precisamente, como o fogo, que, se ele é amalgamado com um incenso, é nomeado conforme a fragrância de qualquer perfume”.

<sup>9</sup> Platão. *Banquete*, 187a/b: “Erixímachos: [...] Mas da arte de tons tem que ser óbvio a cada um, o qual aplica apenas um pouco o refletir sobre isso que se comporta com ela identicamente como com aqueles [medicina, ginástica e agricultura], o que talvez também Heráclito queira dizer, pois, conforme as palavras, ele não o exprimiu corretamente. Ele diz precisamente que um, dividido em si, se une consigo como a afinção de uma lira ou de um arco. Mas é grande irracionalidade dizer que uma harmonia seja dividida em si ou possa consistir nos ainda divididos. Mas talvez ele quisesse dizer isso, que ela gerou do anteriormente dividido mais alta e mais baixa, mas então se tornado unido, uma vez que a harmonia impossivelmente pode consistir nos divididos mais alto e mais baixo. Pois a harmonia é a concordância, mas a concordância é a harmonia, porém a harmonia impossivelmente pode ser dividida, e o dividido e não harmonioso não pode novamente corresponder”.

Aqui o deus entra em cena como o cúmulo da unidade de todas as oposições mencionadas, as quais representam, em parte, todos os pares de oposições, da qual elas brotam conforme sua *physis* como do seu fundamento da essência. A mudança não afeta o deus como a unidade essencial, mas somente sua forma de manifestação oposta. Heráclito esclarece pelo fogo. Assim como o fogo é o elemento conjunto das espécies de incenso, que na sua junção com o fogo geram as espécies diversas de fragrâncias, assim o deus é a unidade permanente na mudança de todas as oposições. O *logos* nos mostra que não apenas cada par de opostos forma uma unidade, mas todos os pares de oposição são vinculados a uma unidade universalista. Segundo isto, a variedade inteira das coisas da realidade forma, em deus, uma unidade essencialmente correlata, a qual é explicada no *logos*, sem que essa, e com isso o próprio deus, apareça em cena.

No final, através do fragmento B 10, eu queria, conclusivamente, esclarecer o *logos* de Heráclito, “conforme o qual”, segundo o fragmento DK 22 B 1 “tudo acontece”. O fragmento DK 22 B 10 diz: “Junções/resumos (*syllápsies/synápsies*): totalidades, não-totalidades, se reunido, se separando, harmonioso, não harmonioso, de tudo, um e de um, tudo.” O núcleo desse fragmento diz: de tudo, um e de um, tudo. Esse núcleo deve resultar da circunstância que as “junções” mencionadas são junções entre as quais consistem oposições, como, por exemplo, entre as junções no sentido das totalidades e tais, que não são totalidades, mas, sim, consistem dos componentes singulares. As junções são tanto totalidades fechadas, como também são conglomerados inacabados.

A tese de Heráclito é que existem transições entre essas junções opostas. No caso das totalidades, as junções deixam reunir-se tudo em um, no caso das junções que não são totalidades, elas deixam separar um em todas as partes singulares. A única e a mesma junção pode ser ambos, se reunindo e se separando. A única e a mesma junção, por exemplo, a junção dos tons, pode ser junta ou separada, harmônica ou desarmônica.

Assim se esclarece a circunstância em que as junções podem assumir o caráter oposto, porque podem tornar-se de tudo, um e de um, tudo. Precisamente porque as coisas opostas são espécies de junções, pode ser formado do universo (*Allheit*) a unidade e da unidade o universo. Assim, o fragmento DK 22 B 10 exprime o *logos* claro de Heráclito, “conforme o qual tudo acontece” (DK 22 B 1).

## VII

No conceito de razão de Heráclito nós temos que efetuar uma restrição adicional. Ele não está fundamentado somente na *physis* das coisas, mas ele se distingue do conceito de razão encaminhado pelo descobrimento do mundo imaterial das ideias por Platão, que esse mundo imaterial é identificado com um princípio material, o fogo. Na verdade, em Heráclito, o próprio fogo não é somente algo material. É como matéria primitiva, ao mesmo tempo, o princípio de energia, o qual se faz sentir na forma de um raio convulso, o qual confere a todas as coisas opostas seu movimento e sua vivacidade. Portanto, Heráclito diz no fragmento DK 22 B 64: “Mas o raio norteia o universo, quer dizer, o governa”.

## VIII

85

Eu queria resumir os pensamentos básicos de Heráclito em quatro teses:

1. Tese: A maioria das pessoas, as quais se orientam pelas manifestações imediatas das coisas, podem somente dar nome às oposições delas, que parecem ser aspectos independentes uns dos outros. Mas aquele que se orienta pela sua *physis* reconhece que essas oposições estão vinculadas a uma estrutura da essência oculta sob a superfície da aparência, e precisamente pela discórdia guardando-as junto, porém permanece oculta pela aparência.

2. Tese: O específico da forma do pensar dialético de Heráclito é que as oposições não estão sintetizadas em uma unidade mais alta, mas, ao contrário, são apreendidas na sua contrariedade pelo seu reunir-se se separando na discórdia.

3. Tese: Do fundamento da essência oculta do coincidir originariamente se separando das oposições na discórdia brota uma unidade tensa em si das oposições como estrutura da essência das coisas, a qual constitui a vivacidade de todas as coisas.

4. Tese: A observação da *physis* das coisas singulares conduz ao conhecimento do *logos* de que a totalidade de todas as coisas opostas é uma unidade, de tal modo que o

*Logos, physis e dialética em Heráclito de Éfeso*

Christian Iber

fogo divino se mostra como fundamento último da vivacidade de todo ser, o qual aparece em cena na forma de uma faísca da vida em todas as figuras vivas.

O resultado da nossa interpretação de Heráclito pode também lançar uma luz nisso: como esse filósofo deve ser avaliado filosófica e historicamente. Heráclito é o primeiro filósofo da razão da história da filosofia ocidental, ele descobriu a dialética das coisas sensíveis. Hegel tematiza, justificadamente, o pensar de Heráclito no guia da dialética.

Contudo, a fascinação de Hegel pela dialética de Heráclito é legítima historicamente, mas apenas em parte. Pois em Heráclito, primeiramente, não é o discurso do devir como princípio conceitual e, em segundo lugar, a oposição, ou seja, a contradição está fundada, sem dúvida, numa experiência levantada ao *logos*, mas não é nenhuma categoria lógica. A explicação conceitual das oposições por Parmênides é ainda uma revelação após Heráclito. Se Heráclito fosse uma reação a Parmênides, como Hegel acreditou e Karl Reinhard sugeriu novamente, então ele recairia conceitualmente atrás dele. Sua dialética pertence ao pensar pré-entendedor, o qual, não obstante aponte similitudes com a filosofia dialética da razão de Platão e Hegel, os quais tornam agitáveis novamente e trabalhosamente as abstrações do entendimento.

Isso também é a razão pela qual a avaliação do pensar de Heráclito como pré-metafísico por Nietzsche e Heidegger é legítima. Na “constante mobilidade” de Heráclito ambos avistam, ao mesmo tempo, o outro originário, compulsivamente vibrante, da racionalidade da razão europeia, a qual, em regresso a Heráclito, deve ser solapada. Sem dúvida, essa interpretação poderia concorrer a uma avaliação diferenciada da dialética da razão pré-entendadora, contudo, na sua implementação, ela passa muito facilmente pelo pensar de Heráclito.

Heráclito é a pedra angular e o consumidor da cosmologia ‘paradisíaca’ jônica. Como pensador sintético da primeira época da história da filosofia antiga ele antecipa o pensar da razão sintética de épocas subsequentes. Platão, os neoplatônicos e Hegel reconstroem e restauram sua posição no nível conceitual. Não é o foco do movimento permanente pré-conceitual que é o feito filosófico peculiar de Heráclito, como Nietzsche entendeu, também não o não-ocultamento do ser exprimindo à luz do movimento, que escapa à razão, como Heidegger acreditou, mas o destrinchamento daquilo que é permanente no movimento e sua determinação como *logos*. O *logos* remete

ao princípio material do fogo, que é ao mesmo tempo o princípio de energia do repouso e do movimento e, com isso, da unidade das oposições, a qual é a origem ou a *physis* das coisas.

Em Heráclito, o *logos* da razão brota do solo de uma *physis* pré-racional. Heráclito explicita a questão da razão milenense pela *arke* das coisas, na medida em que ele conceitualiza a própria razão como *arke* ou como a instância, a qual sabe explicar a *physis* das coisas como sua *arke*. Contudo, Heráclito não pode explicar conceitualmente seus conhecimentos no *logos*, mas apenas plasticamente em exemplos e jogos de palavras. Está, sem dúvida, aludida a possibilidade de um pensar libertado da intuição sensível na realização do conceito, contudo não implementada. Heráclito é o fundador da dialética filosófica da realidade efetiva, mas não lhe deu ainda nenhuma forma conceitual.

#### Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Physik. Griechisch-deutsch*. Hans G. Zekl (Org.). 2. Vol. Hamburg: Meiner: 1987.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução do Centro Bíblico Católico. 9. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1996.
- DIELS, Hermann; KRANZ, Walter (Orgs.). *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Grego e alemão de Hermann Diels 3 Vol. 17ª edição. Dublin, Zürich: Weidmann, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. *Aletheia (Heraklit, Fragment 16)*. In: Idem. *Vorträge und Aufsätze*. 4ª edição. Pfullingen: Neske, 1978. p. 249-274.
- HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica. Excertos*. Seleção e tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- HEGEL, G.W.F. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie I [Preleções sobre a História da Filosofia I]*. In: idem. *Werke in 20 Bänden*. Eva Modenhauer, Karl Markus Michel (Orgs.). Vol. 18. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969ss.
- KIRK, Geoffrey Stephan; RAVEN, John E.; SCHOFIELD, Malcolm. *Die vorsokratischen Philosophen. Einführung, Texte, Kommentare*. [Os filósofos pré-socráticos. Introdução, textos, comentários]. Stuttgart: Metzler, 1994
- LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas de doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1988.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos [Die Philosophie im Tragischen Zeitalter der Griechen]*. Texto integral. Tradução Antonia Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008.



PLATÃO. *Banquete*. Tradução do grego, notas, apresentação e comentários de Donaldo Schüler. Edição bilingue. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

PLATÃO. *Crátilo*. Introdução de José Trinidad dos Santos. Tradução de Maria José Figueiro. Coleção: Pensamento e Filosofia. Porto Alegre/São Paulo: editora Piaget, 2001.

REINHARDT, Karl. *Parmenides und die Geschichte der griechischen Philosophie*. [*Parmênides e a História da Filosofia grega*]. 3ª edição. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

SOUZA, J. C. *Os pré-socráticos – vida e obra*. 5ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

Recebido em 20 de agosto de 2013.

Aprovado em 29 de outubro de 2013.